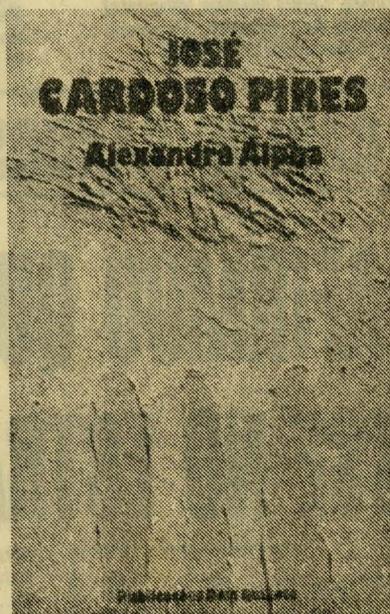


CRÓNICA de FIM DE SEMANA

Por CARLOS MIRANDA

«A BOLA» DO VÍDEO-CASSETE



duas páginas e meia, personagem de «Alexandra Alpha», e Cardoso Pires faz prova formal de que conhecia bem aquele saudoso amigo desta casa, quando o apresenta com uma amiga quase inseparável, «A BOLA».

Mas detenhamo-nos, por momentos, nesta transição:

«Saltou da cama para a rua, à procura de uma chávena de café para despertar. Algures logo ao virar da esquina apareceu-lhe uma cervejaria que parecia mesmo à espera dela. Estava aberta a meia porta e à primeira vista não tinha ninguém, só mesas cobertas de cascas de mariscos. Toda a casa se encontrava de lâmpadas acesas apesar de ser dia.

Mas quando a Maria se encaminhou para o balcão, descobriu que diante de um acampamento de canecas de cerveja havia um vulto. Não se podia ver da entrada porque estava encoberto por uma coluna de lagostas vivas dispostas numa vitrina quase até ao tecto.

Maria sentou-se ao balcão no sítio onde acabava o estendal de canecas vazias e pousou a malinha e os óculos de sol no banco ao lado. O vulto lia A BOLA apoiado numa cerveja a florir de espuma. Era um indivíduo louro e encorpado, um tanto para o gordo; cabeça à meia calva, salpicada de um orvalho que era o transpirar da fresca e esfuziante bebida matinal; mãos mimosas embora sólidas, de anjo camponês (se é que há disso, anjos camponeses). Maria viria a saber que estava na presença do poeta Ruy Belo que só conhecia pelo lido.

sobre «Alexandra Alpha», e dará com a aquela referência a Ruy Belo, de cuja poesia tanto gosta, e as duas referências àquele jornal, «A BOLA», de que (o avô, o pai?) tanto lhe falavam ou cuja última edição em vídeo-cassete traz debaixo do braço?

MUITOS são os livros escritos cem anos atrás, Eças, Camilos, Herculanos, que chegaram até nós, que continuam a ser lidos, nas escolas, na universidade, em casa, com o mesmo prazer, o mesmo encanto, o mesmo encontro com o classicismo, o mesmo deleite com o bem escrito, o mesmo descobrir de como se vivia naqueles tempos.

O escrito há cem anos mantém a mesma frescura, o mesmo interesse, porporciona a mesma atracção, o gozo, o supremo deleite de estar a ler-se uma grande obra literária.

Projectemos o que se tem escrito hoje em dia para o futuro, para daqui a cem anos: irá acontecer o mesmo?

Nunca temos escondido que pertencemos ao lote dos que acreditam, firmemente, no valor da literatura portuguesa de hoje em dia, que atravessa uma fase brilhante, uma das melhores de sempre. Mas também não temos a menor dúvida de que nem todos resistirão os tais cem anos, tudo dependendo, afinal, da própria evolução que a nossa vida vai conhecer. Mas, mesmo que tudo continuasse na mesma, certos escritores que nos encantam, que nos assoberbam, talvez não resistam ao desgaste do tempo, acabando por ficar três ou quatro que sejam os verdadeiramente representativos do tempo que estamos atravessando.

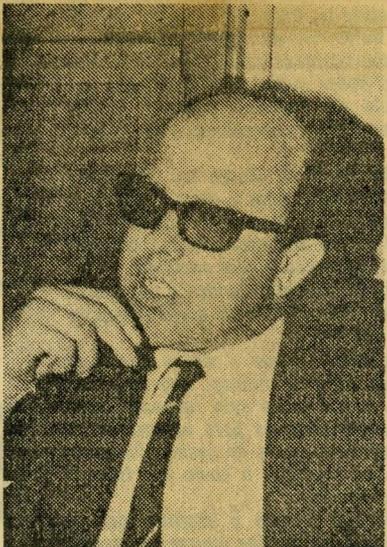
E nem adiantam os sorrisos dos eternos descrentes, dos saudosamente mordazes: quantos dos escritores que entraram na nossa história literária, eram, há cem anos, olhados com comisseração pelos seus contemporâneos?

Convenhamos, pois, que alguns dos nossos escritores actuais terão livros a ser lidos pelos nossos vindouros, poupemo-nos ao citar de nomes, para não errar, para não ser injusto.



Para já, em função da sua obra, da sua actualidade, do seu perfeito retratar de uma época, talvez não seja difícil prognosticar essa perenidade a José Cardoso Pires, ao seu mais recente livro, «Alexandra Alpha» (Pulicações D. Quixote), perfeito panorama de um determinado sector da sociedade portuguesa, em tempo da revolução de 1974.

Ruy Belo, o poeta Ruy Belo, é, por um fugaz momento, pouco mais de



Como era de esperar, o poeta Ruy Belo e ao vivo e em tal e qual não tinha nada que fizesse supor o dos versos. Bebia cavalaramente (coisa que não constava por escrito) pois já tinha com ele uns largos litros de cerveja e ainda a manhã ia no princípio. Lia «A BOLA» com a devoção de quem lia o Plutarco, ao mesmo tempo que mastigava de maneira truculenta tremoços apanhados ao acaso e até migalhas deixadas no balcão sabe-se lá por quem.»

Como será o mundo daqui a cem anos? Ainda haverá espaço para existir um jornal como «A BOLA», para existir Imprensa escrita? O certo é que nenhum dos que, actualmente, a fazemos, poderá dar resposta a esta questão. Mas se a direcção em que a humanidade, nos últimos milénios, se tem movimentado, haverá bibliotecas, haverá museus, haverá sempre alguém disposto a (talvez numa colónia em Lua, talvez numa viagem a caminho de Marte, talvez num fim-de-semana em Marte) ler Cardoso Pires, a debruçar-se